

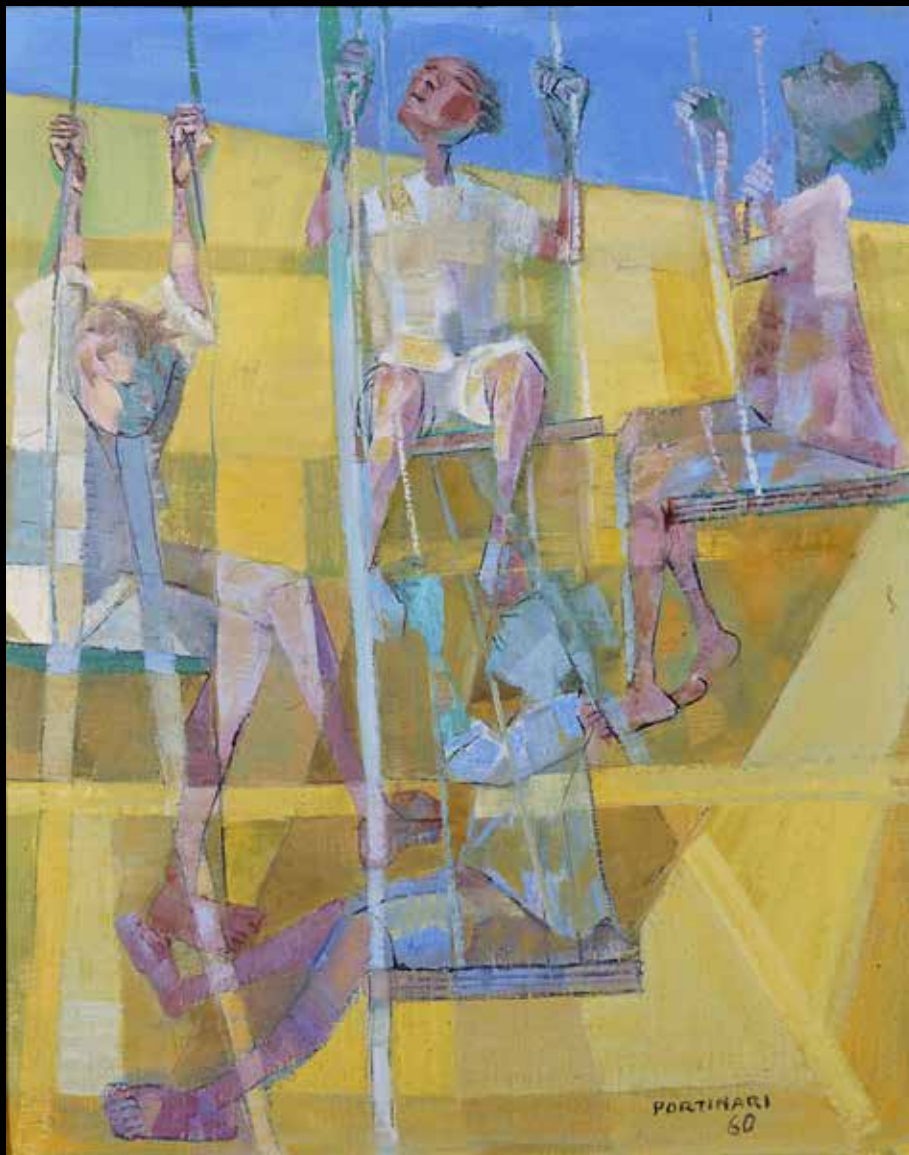
Ministério do Turismo apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

PORTINARI R>ROS

CADERNO
CCBB
EDUCATIVO

© imagens cedidas pelo Projeto Portinari





© imagens cedidas pelo Projeto Portinari

MENINOS NO BALANÇO

1960. Óleo/tela

Coleção Ivani e Jorge Nunes

“Sabe por que é que eu pinto tanto menino em gangorra e balanço? Para botá-los no ar, feito anjos”, dizia Portinari.

Aqui estão quatro meninos de calças curtas e pés descalços sentados em balanços, que parecem congelados no tempo. A fragmentação da imagem em planos, causada pelas linhas horizontais e verticais, produz essa sensação de uma ausência de movimento. A composição é equilibrada na relação entre os meninos, dois olham para cima e dois se entreolham. Há um equilíbrio também entre as cores que se complementam, o amarelo e o azul.

Em Meninos no balanço, está a memória da infância humilde vivida na cidade de Brodowski, cenário rural do interior paulista, pelo menino Candinho Portinari. Partimos dessa

cena para convidar os visitantes a seguirem conosco por mais sete telas.

Este material foi elaborado para a exposição Portinari Raros, exibida em 2022, no Centro Cultural Banco do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. A mostra trazia obras menos conhecidas de Candido Portinari que, por várias razões, se mantiveram distantes do alcance do público. Fauna, paisagens, flores, desenhos, infância, Carajá e Balé lara eram os temas desta exposição.

Em sua versão física, essa peça gráfica foi impressa no formato de postais e aqui é adaptada como um caderno. Cadernos de mediação são como navegadores que buscam instigar o olhar daqueles que visitam as galerias e colaborar na leitura das obras.

Programa CCBB Educativo

CONCHAS E HIPOCAMPOS

1941. Guache/papel

Coleção Maria Edina O. C. Portinari



© imagens cedidas pelo Projeto Portinari

Os afrescos de Giotto, os renascentistas, Ticiano, o Cubismo de Picasso, De Chirico e o Surrealismo foram fontes de inspiração para Portinari. Mas foi a obra do muralista mexicano Diego Rivera que o influenciou a trabalhar em superfícies maiores.

“A pintura mural é a mais adequada para a arte social, porque o muro, geralmente, pertence à coletividade e, ao mesmo tempo, conta uma história, interessando a um número maior de pessoas”, disse Portinari.

Quando recebeu o convite para criar os murais do edifício que abrigaria o Ministério da Educação

e Saúde Pública, atual Palácio Capanema, no Rio de Janeiro, o artista entendeu que a obra *Conchas e Hipocampos* deveria representar o ideal de brasilidade. O uso das cores azul e branca nos faz recordar os azulejos coloniais portugueses.

Uma forma sinuosa envolve toda a obra, criando movimento e ritmo nesse oceano de conchas e hipocampos (cavalos-marinhos).

No Rio, Portinari criou outro mural no Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, conhecido como Pedregulho, projetado pelo arquiteto modernista Affonso Eduardo Reidy, no bairro de São Cristóvão.





JANGADA E CARÇAÇA

1940. Óleo/tela

Coleção particular

O azul profundo do céu faz contraste com o amarelo e o marrom da terra seca. Essa paleta de cores cria um ambiente sombrio, que, ao mesmo tempo, lembra um sonho, uma atmosfera que remete ao Surrealismo.

À primeira vista, reconhecemos duas mulheres em movimento. Na frente, há outra figura feminina com traços menos definidos. Contudo, se observarmos cuidadosamente, encontramos, misturada à sombra, uma quarta figura misteriosa ao lado de um baú e uma moringa. Estes são dois elementos bastante recorrentes na obra do artista. O baú é um objeto típico da zona rural, onde os pequenos tesouros das famílias,

como o cacho de cabelo da menina, um santo de devoção, uma carta e as poucas fotos são guardados ou transportados.

Se os baús falam das memórias da gente despossuída de sua própria terra, as carcaças (as ossadas de animais) fazem referência à desolação da terra sem lavoura. O espantalho, que atravessa a obra de Portinari, está mais ao fundo, assumindo o papel de uma recordação do pintor. Portinari, menino da roça, imaginava histórias com esse ser inanimado. Escreve ele, em um poema: "As almas penadas, os brejos e as matas virgens / Acompanham-me como o espantalho, / Que é meu autorretrato".





© imagens cedidas pelo Projeto Portinari

MÃE

1942. Óleo/tela

Coleção Airton Queiroz

Vários desenhos a bico de pena com nanquim foram realizados por Portinari, durante a produção das oito grandes pinturas da *Série Bíblica*, encomendada por Assis Chateaubriand para a sede da Rádio Tupi, em São Paulo. Esse conjunto referencia o célebre painel *Guernica*, pintado em 1937 por Picasso, onde se vê o sofrimento do povo após o bombardeio da cidade homônima espanhola.

Em *Guernica*, uma mãe chora com uma criança sem vida em seus braços. A imagem faz alusão à figura de Maria com Jesus morto em seu colo, como na obra *Pietà*, de Michelangelo, da Basílica de São Pedro, no Vaticano. Em *Mãe*, uma

figura feminina procura proteger as crianças com enormes braços.

Neste óleo, além da influência do Cubismo, Portinari abre mão das cores vivas para usar a mesma paleta, quase monocromática, do painel espanhol, com escalas de cinza, branco, preto e marrom. As linhas retas do fundo contrastam com as formas onduladas do desenho das figuras humanas. A simplificação da cena no último plano também contribui para que nossa atenção foque a forte expressividade e o movimento corporal exagerado da mãe e suas crianças. Os corpos estão deformados em dimensões monumentais. Mãos e pés são desproporcionais, e os olhos, exorbitados.



© imagens cedidas pelo Projeto Portinari

FLORES

1945. Têmpera/madeira

Coleção Acervo Galeria Frente

Vasos de flores são um tema muito presente na pintura dos artistas holandeses no século XVII, quando a beleza estava na busca da representação mais perfeita da realidade, como se até um inseto pudesse se confundir e pousar na tela.

Contudo, na história da arte ocidental, a natureza-morta era considerada, até o século XIX, um gênero menor, quando comparada às representações históricas e/ou religiosas. Mais tarde, artistas como Cézanne, Van Gogh e Morandi passaram a atribuir à natureza-morta, cada um à sua maneira, um valor moderno.

Durante sua formação na Escola Nacional de Belas Artes, Portinari entrou em contato com os mais diversos modelos e práticas da pintura. O artista produziu uma série de estudos de naturezas-mortas. Na obra *Flores*, podemos observar um alinhamento ao Cubismo, que questiona o ideal da representação clássica europeia.

As flores brancas vistas na obra são irregulares e recortadas. O vaso está pousado sobre uma mesa, mas, ao mesmo tempo, existe uma mancha marrom que passa por cima dele, o que aconteceria se o objeto estivesse atrás daquela superfície. Portinari explora novos conceitos de luz e sombra, distância e proximidade e uma mescla de pinceladas.



© imagens cedidas pelo Projeto Portinari

MULHER E CRIANÇA

1936. Óleo/tela

Coleção Ronaldo Cezar Coelho

Em *Mulher e criança*, vemos o retrato de uma mulher como tema principal, que ocupa quase todo o centro da tela, junto à criança que parece achatada sob a sua mão de trabalhadora. Do lado esquerdo, uma grande moringa - objeto que vai se repetir em muitas obras de Portinari - e, à direita, ao fundo, uma montanha. Essa é uma composição clássica triangular renascentista.

Desde o início de sua carreira, Portinari já representava preocupações sociais em suas obras. Na tela *Despejados*, à beira de uma estrada de ferro, está uma família desnutrida, abandonada à sorte. Em *Café*, é retratada a árdua tarefa realizada por mulheres e homens em uma plantação.

“O que mais assusta é a deformação das extremidades. (...) É que muita gente, quando vê um quadro, não relaciona com a natureza, com aquilo que existe, e, sim, com aquilo que já viu noutros quadros. O pé descalço do enxadeiro não pode ser comparado com os pés feitos pelos pintores europeus, porque na Europa os camponeses andam calçados.”

A temática de *Mulher e criança* nos lembra as personagens e os morros cariocas pintados por Emiliano Di Cavalcanti. Os tons terrosos predominantes fazem a figura feminina se mesclar com o fundo, onde aparecem as primeiras casas de uma favela. O mar e o céu azul são um respiro, oferecendo tranquilidade.





FLORA E FAUNA BRASILEIRAS

1934. Óleo/madeira

Coleção Roberto Marinho - Instituto Casa Roberto Marinho



Flora e fauna brasileiras é uma das obras de Portinari que mostra seu profundo conhecimento da linguagem da pintura e da história da arte.

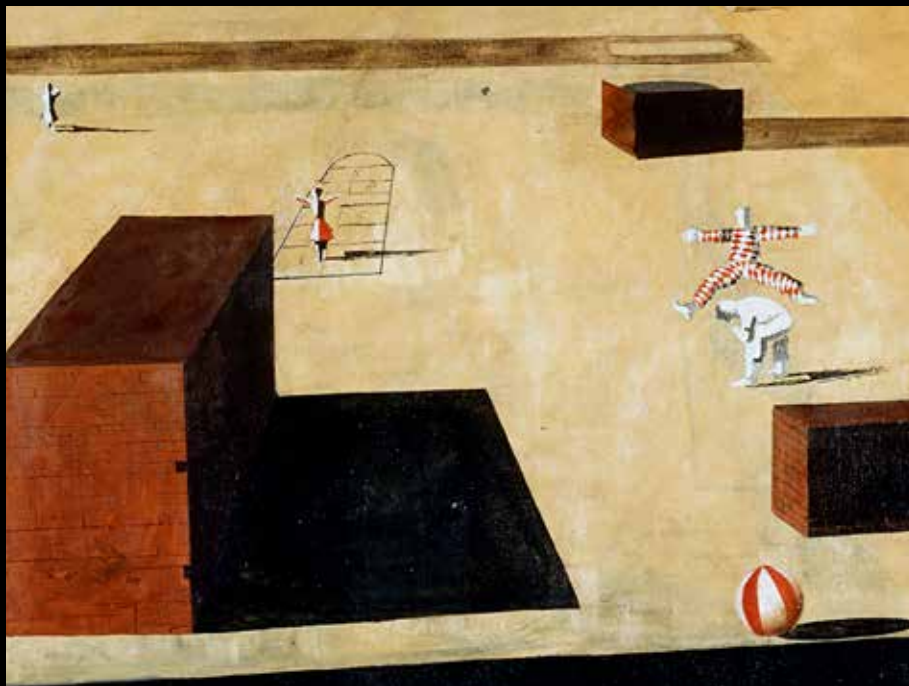
A composição nos conduz da floresta até o mar ao longe. Mais próximo, nosso olhar passeia por uma representação naturalista, na qual percebemos a textura dos galhos que formam o ninho, a casca dos ovos, o pelo do macaco e as penas da arara. Ao fundo, Portinari utilizou técnicas renascentistas, como a perspectiva atmosférica, que, ao

esfumaçar as montanhas, cria um efeito de profundidade.

Os modernistas buscavam imagens que traduzissem a brasilidade, aqui representada pelos animais típicos, a palmeira e o cacho de bananas.

Este Brasil tropical e luminoso explode em pequenas intervenções de cor intensa sobre um fundo claro, formando as plantas distribuídas pela extensão da areia. Na apresentação da flora, Portinari mistura linguagens, alternando o realismo quase botânico da bananeira com flores estilizadas.





PRAÇA

1939. Óleo e areia/tela

Coleção particular

Em *Praça*, podemos ver as influências de Giorgio De Chirico e do Surrealismo na produção de Portinari. A paisagem e o título da obra são uma referência à arquitetura das praças e aos arcos comuns nas composições do pintor europeu. A inquietação e a melancolia que De Chirico traz à cena com suas ruas quase vazias, os contrastes de claro e escuro e as sombras alongadas estão aqui nessa tela de Portinari.

Como na obra *Mistério e melancolia de uma rua*, de De Chirico, não conseguimos distinguir os traços detalhados das figuras humanas de Portinari, apenas a silhueta, a roupa as definem. Um arlequim e um menino brincam de pular carniça, uma menina pula amarelinha. Ao fundo,

mais uma figura que compartilha com as demais o fato de ter em seu vestuário uma estampa geométrica. Uma grande bola branca e vermelha retoma a paleta cromática das roupas inspiradas nos figurinos da *Commedia dell'Arte*.

É curioso o modo como Portinari acentua o ar de mistério presente na tela, apresentando-nos, na varanda de um dos prédios, duas figuras de traços imprecisos.

Nesta cena, que é observada do alto, Portinari muda de cenário, mas não abandona os objetos e jogos infantis, o que só contribui para tornar a paisagem mais misteriosa, aparentando ter saído de um sonho.



Centro Cultural Banco do Brasil

Rua Primeiro de Março, 66
Centro, Rio de Janeiro – RJ
Informações: (21) 3808 2020
ccbbrío@bb.com.br

Horário de funcionamento

Segundas e de quarta a sábado: 9h às 21h
Terça: fechado
Domingo: 9h às 20h

Bilheteria

Entrada gratuita
Retirada de ingressos na bilheteria do CCBB
ou pelo site/app Eventim

Agendamento de grupos

agendamento.rj@programacbbeducativo.com.br

Central de Atendimento BB

4004 0001 ou 0800 729 0001

SAC

0800 729 0722

Deficiente Auditivo ou de Fala

0800 729 0088

Ouvidoria

0800 729 5678

bb.com.br/cultura

 /ccbbrj

 @ccbbrj

 @ccbbrj

Pesquisa e Redação

Alexandre Diniz
Daniela Chindler
Martina Rangel
Vera Pugliese
Viviane Reis

Edição

Daniela Chindler

Produção Editorial

Talitha Dester

Design

E Thal

Capa

Menino com carneiro
1954. Óleo/tela
Coleção Luiz Carlos Ritter



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO